

O CANOEIRO E A ONÇA

CENA I - Na mata

(Três índios Canoeiros caminham. É o meio do dia. Param para descansar. Encontram um cupim com um buraco. Um deles mete a mão no buraco e não consegue mais tirar.)

Canoeiro - Ei! Companheiros! Enfiei a mão no cupim pra pegar comida. Ela não quer sair.

(Um companheiro dele o ajuda a puxar pelo braço.)

Canoeiro - Não adianta! Ela quer ficar lá dentro!

(O outro companheiro fala.)

Companheiro - Vai cavoucando devagar aí dentro. Antes da lua aparecer o buraco fica grande.

(Os dois seguem viagem.)

CENA II - Ainda na mata

(Um tucano entra e canta perto do cupim. Uma onça entra procurando o tucano.)

Onça - Cadê você, bicudo. Eu vou te comer.

(A onça, vendo o homem, se alegra.)

Onça - Ah! Eu vou comer é você! (E vai avançando.)

Canoeiro - (Fazendo-a recuar) Espera! Primeiro você me assa pra eu ficar mais gostoso. Depois você me come.

(A onça gostou da ideia. Grita chamando alguém.)

Onça - Gruuaaahu! Gruuaaahu!

(Entra uma coruja com olhos pequenos.)

Onça - Amarra este homem. Faz o fogo. Vamos assar e comer.

(A coruja amarra o homem com um cipó. Faz o fogo. Pequena pausa. O fogo se apaga. A coruja grita.)

Coruja - A carne do homem está pronta!

(A onça não escuta. A coruja continua a gritar.)

Coruja - O homem está pronto!

(A onça volta.)

Onça - Agora pára. Sou eu que vou gritar pros meus companheiros. Gruuaaahh!
Gruuaaahu!

(Ela sai à procura de outra onça. A coruja senta. O homem levanta-se um pouco e começa a arrebentar o cipó. A coruja vê e sai para catar outro cipó. O homem se liberta e foge.)

Coruja - O homem fugiu! O homem fugiu!

(A onça entra correndo. As duas saem atrás do fugitivo.)

CENA III - Na beira do córrego

(O canoeiro chega num córrego. Pega um pau velho e joga na água. Segue pela beira do rio. A onça e a coruja chegam à beira do córrego.)

Coruja - O canoeiro mergulhou!

Onça - Eu vou atrás buscar. Estou com fome.

(A onça cai na água. Um jacaré morde a mão da onça. A onça escapa e fica zangada com a coruja. Ela pega na cabeça da coruja e alarga os seus olhos.)

Onça - Vou abrir seu olho. Agora vê se você enxerga melhor.

(A coruja, agora com olhos grandes, chora muito. A onça segue o rastro do canoeiro.)

Onça - Eu tô com fome! Eu tô com fome!

CENA IV - Na casa do Mago Madorik

(Canoeiro chega à casa do Mago Madorik.)

Canoeiro - Abre a porta! Vem bicho feio aí atrás!

(Madorik abre. Canoeiro entra. A onça chega.)

Onça - Eu quero entrar na casa!

Madorik - Não pode entrar!

Onça - Eu quero comer canoeiro!

Madorik - Aqui não vive canoeiro!

Onça - Então eu vou comer você, assim mesmo!

(A onça vai entrar. Madorik abre a mão, com seus dedos grandes para frente. A onça grita e corre de medo.)

Canoeiro - (Saindo) Seu espírito é mais forte que onça, Madorik. Agora vou andar.

CENA V - Na casa do sapo

(Canoeiro chega à casa do sapo, no oco de um palmeira. O sapo está fazendo flecha.)

Canoeiro - Vou me esconder da onça que quer me comer.

Sapo - Entre e se acocore naquele canto.

(Canoeiro se esconde. A onça chega.)

Onça - (Farejando) Por aqui andou canoeiro.

(Falando mais alto.)

Onça - Eu quero entrar! Eu quero entrar!

Sapo - Não pode entrar!

Onça - Eu quero ver canoeiro que está aí dentro. Estou com fome!

Sapo - Não pode subir!

Onça - Eu quero subir!

Sapo - Não pode subir! Estou ocupado fazendo flecha!

Onça - Quero subir assim mesmo!

Sapo - Então pode subir!

(A onça sobe. O sapo joga veneno do seu corpo, ardido como pimenta, nos olhos dela. A onça grita, cai e vai lavar os olhos na água. Chora muito. Vai embora. Canoeiro também.)

CENA VI - No buraco da pedra

(O homem está cansado. Entra num buraco de pedra para dormir. Tapa mais ou menos o buraco com algumas folhas. Dorme. Logo entra a sucuri. O buraco é a casa dela.)

Sucuri - A casa está suja. Tem folha. Que foi?

(Rodeia o buraco. O rabo conversa com a cabeça.)

Rabo de Sucuri - Você matou algum bicho?

Cabeça de Sucuri - Não. Mas amanhã bem cedo vou caçar.

(O canoeiro acorda e pergunta para si.)

Canoeiro - Que foi isso? Quem é que está falando?

(A sucuri pega sua flauta e toca. A mosca Boirok dá muita risada. A cobra não gosta.)

Sucuri - É hora de você dormir, Boirok.

(O canoeiro fica com medo. Não dorme mais. De manhã cedo a sucuri sai. O homem sai do buraco com cuidado e vai embora.)

CENA VII - No tronco de buriti

(É noite. O canoeiro sobe num tronco de buriti e dorme sobre suas folhas. Uma grande tartaruga está espiando.)

Tartaruga - Hum! Vou derrubar esse homem daí enquanto ele está dormindo. Vem cá, menino!

(Entra uma tartaruguinha correndo.)

Tartaruguinha - Que foi, mano? É fruta boa?

Tartaruga - É sim! Vem cá!

(A tartaruga pega a tartaruguinha como se fosse um machado e começa a bater no tronco para derrubá-lo.)

Tartaruguinha - Ai! Ai! Ontem você quis derrubar o açazeiro! Minha costa tá doida! Ai! Ai! Mano, o pau é muito duro!

Tartaruga - (Falando baixo) Não grita, menino!

(Falando alto para o homem ouvir.)

Tartaruga - O buriti está quase caindo!

(O canoeiro lá em cima escuta. Acorda e fica com medo.)

Canoeiro - Será que buriti está caindo? É alto mesmo! Assim eu posso morrer!

Tartaruga - (Falando para si.) Só saiu a casca! Não consigo derrubar!

(A tartaruginha fica por ali, machucada. A tartaruga sai. Volta junto com a sucuri.)

Tartaruga - Você sobe e mata!

Sucuri - O que é?

Tartaruga - Não sei, mas parece gente!

(O canoeiro se esconde melhor.)

Sucuri - Hum! Tô sentindo cheiro de onça. Não subo, não!

Tartaruga - Pode subir que é gente. Eu vi subindo! Você mata e nós comemos. A carne é gostosa!

Sucuri - Acho que é assombração. Aquela que mata.

Tartaruga - Não! Tô dizendo que é gente! Sobe! Sobe!

(Sucuri vai subindo devagar.)

Sucuri - Parece que é onça!

(Começa a descer.)

Tartaruga - Sobe! É gente! É gente!

(Sucuri volta a subir. Pausa.)

Sucuri - Tô vendo rabo de assombração!

(Sucuri começa a descer.)

Tartaruga - É gente! Sobe! Vamos comer muito!

(Sucuri volta a subir. Chega perto das folhas. O canoeiro fica com mais medo. De repente, ele imita grito de assombração.)

Canoeiro - Guiinnrrr!

(A sucuri cai e morre enrolada num nó. A tartaruga foge de medo. A tartaruginha também. Canoeiro desce da árvore e volta a caminhar. Assobia.)

CENA VIII - Na mata

Canoeiro - Já faz duas noites que a onça não aparece. Vou voltar para casa.

(Ouve-se um grito de arara.)

Arara - Aha! Aha! Aha!

Canoeiro - Desce aqui. Eu quero conversar.

(Aparece a arara vermelha.)

Canoeiro - Você sabe o caminho da minha casa?

Arara - Eu sei!

Canoeiro - Você não está mentindo?

Arara - Não, não estou mentindo. Vou mostrar o caminho para você. Vamos!

(A arara voa um pouco à frente. Para. Espera o homem chegar. Voa mais um trecho. O homem vem. Mais um. O homem vem ao longe. Agora se vê um caminho. A arara toca flauta. O homem segue o som e encontra o caminho largo.)

(Canoeiro se alegra.)

Canoeiro - Já se vê fumaça. Vou encontrar criançada!

Arara - Esse é o caminho de sua mãe!

Canoeiro - Desce, vamos conversar.

(A arara desce.)

Canoeiro - Outro dia você vem de novo pra eu me enfeitar com tuas penas. Vou ficar bonito.

Arara - No tempo do açáí eu volto!

(E saem.)

CENA IX - Na aldeia

(Canoeiro chega perto de casa.)

Canoeiro - Já faz tempo que eu saí. Vou sentar aqui e esperar.

(A mãe dele sai de casa, e joga um pedaço de pau no terreiro. O canoeiro pega o pedaço de pau e o esconde. A mãe volta para limpar o chão. Não encontra pedaço de pau. Encontra homem. Não reconhece o filho. Continua a limpar a casa. Ao acabar, ela sai e olha melhor.)

Mãe - Você tá parecido com meu filho.

(Pausa. Olhando.)

Mãe - Esse é o bodeque dele. Você voltou!

(Falando para a aldeia.)

Mãe - Ei! Irmãozada! Meu filho voltou!

(Companheiro chega.)

Companheiro - Sua mulher tem outro marido.

(Canoeiro entra em casa. O outro marido tira sua rede. Volta para a casa dos solteiros.)

Canoeiro - Mulher, eu fiquei preso no cupim. Meus companheiros seguiram viagem. A onça chegou. Eu fiquei enganando ela. Dois dias, duas noites, ela não apareceu mais. Pensei, pensei: "Vou procurar caminho de casa. Onça não vem mais atrás. Arara vermelha me mostrou caminho. (Pausa.) Agora tô com fome.

(Mulher prepara banana com farinha e água.)

Mulher - Toma xixa de banana madurinha. Amanhã vou buscar castanha. Faço mingau pra você. O açaí ainda não está tuíra.

(Canoeiro arma a rede e dorme. Mulher também.)

CENA X - Em casa

(Tempos depois. O açaí está tuíra.)

Canoeiro - Vou buscar fruta no mato.

Mulher - Eu vou junto!

Canoeiro - Não, eu vou sozinho!

(Ele sai. Tempo. Volta trazendo frutas.)

Canoeiro - Amanhã, eu vou buscar fruta de novo!

Mulher - Eu vou também!

Canoeiro - Não, eu vou sozinho!

(Dormem. Tempo. De manhã cedo ele se pinta. Coloca colares.)

Mulher - Eu vou junto!

Canoeiro - Não pode, tem bicho!

Mulher - Que bicho?

Canoeiro - Onça!

(A mulher fica em casa. Ele sai.)

CENA XI - Na mata

(Canoeiro chega ao pé da fruteira. Tira um cipó. Começa a subir. A onça chega.)

Onça - Eu conheço este canoeiro! Agora eu como mesmo!

Canoeiro - Espera! Vou subir primeiro e jogar fruta pra você e vou cair com elas!

Onça - Assim mesmo!! Canoeiro é bom. Com frutas é melhor ainda!

(Canoeiro sobe. Corta um galho com machado de pedra. Joga as cascas no chão. Continua cortando. Termina.)

Canoeiro - Está pronto! Abra os braços. Segura bem! Não deixe cair no chão!

Onça - Eu pego! Eu pego! Tô com fome!

(E levantou bem a cabeça pra ver lá em cima. O canoeiro pisa no galho cortado com força. O galho cai e bate no cocuruto da onça. A onça quase desmaia.)

Onça - Tô tonta! Tô tonta! Êta canoeiro esperto! Tô com fome! Tô com fome! Tô tonta!
(Canoeiro desce da árvore. A arara vermelha grita.)

Canoeiro - Desce, eu quero conversar!

(A arara aparece.)

Canoeiro - Hoje é dia de enfeitar bonito. Quero pena grande. Quero ficar bonito!

(A arara dá uma pena grande pro canoeiro. Ela sai. Ele vai pra casa.)

FIM